

LUZ & CENA

Editora Música & Tecnologia

ISSN 14152630



ANO XV - janeiro 2012 - Nº 150
www.luzecena.com.br

R\$ 8,00

A volta de Ed Mort

Personagem de Veríssimo retorna à TV em produção pop noir

Varekai

Cirque du Soleil traz ao Brasil o ousado espetáculo

LEDs na TV

Tecnologia de iluminação a caminho de se tornar padrão em grandes emissoras

Projetos Paralelos

Ricardo Silva

Iluminador do Restart assina mapa de luz de DVD de rap e concepção cênica de apresentações de DJ



LUZ & CENA

janeiro 2012

foto capa: Kiko Cabral



24

capa

Ed Mort volta à TV em produção pop noir
por Fernando Barros

EDITORIAL	4
PRODUTOS	6
DESTAQUE	10
EM FOCO	12
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA PARA VÍDEO	42
OPERAÇÃO DE VÍDEO	46
EDIÇÃO DE VÍDEOS COM FINAL CUT PRO	50
ILUMINANDO	54



18

teatro

Cirque du Soleil traz ao Brasil o ousado espetáculo *Varekai*

por Rodrigo Sabatinelli



30

televisão

Tecnologia LED a caminho de se tornar padrão tanto em grandes emissoras de TV quanto em pequenas produtoras

por Fernando Barros



38

show

Iluminador do Restart mergulha em outros projetos durante turnê da banda

por Rodrigo Sabatinelli



56

galeria

De batera para batera

por Glaucio Ayala

EDITOR
MARCIO TEIXEIRA
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
FARLEY DERZE, GLAUCO PAGANOTTI,
LÉO MIRANDA E RICARDO HONÓRIO

REDAÇÃO
FERNANDO BARROS
RODRIGO SABATINELLI E
BRUNO BAUZER
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO
CLIENT BY - clientby.com.br
FREDERICO ADÃO

PUBLICIDADE
MÔNICA MORAES
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS
KARLA SILVA
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO
ERIC BATISTA

GRÁFICA EDITORA STAMPPA LTDA

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC
86936029/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22753-900
TEL/FAX: (21) 3079-1820
(21) 3579-1821
(21) 3174-2528
E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

Múltipla convergência

O ano novo chega trazendo uma Luz & Cena informativa e rica visualmente. Como sempre, vale ressaltar. E como você, prezado leitor, pôde reparar em nossa capa, o “prato principal” é a série *Ed Mort*, exibida pelo Multishow. A convergência de universos é algo que chama a atenção nesse produto, que além de colocar o humor no sisudo mundo dos detetives particulares (mérito do criador do personagem, o grande Luis Fernando Veríssimo, vale lembrar), mistura a modernidade visual dos cortes rápidos e dos ângulos inusitados à soturna classe noir, que funciona como uma verdadeira ponte para a década de 1940.

Como poderão conferir na matéria de Fernando Barros, a série dirigida por Eduardo Albergaria, que tem Fernando Caruso como protagonista, busca dar essa nova/antiga cara à obra sem descaracterizar as histórias escritas por Veríssimo (lançadas originalmente nos livros *Ed Mort e Outras Histórias*, de 1979, e *Sexo na Cabeça*, de 1980), o que dá origem a – novamente, notem as convergências – uma série cômica nacional com qualidade audiovisual internacional que é, ao mesmo tempo, inteligente e popular. Claro, é sempre bom perguntar: quem foi que, afinal, um dia teve a audácia de dizer que o público não é inteligente?

A união de vertentes, dessa vez em forma de multiplicidade profissional, é o centro de outra das matérias da edição. Em *Paralelismo*, cujo subtítulo bastante explicativo é *Iluminador do Restart mergulha em outros projetos durante turnê da banda*, o repórter Rodrigo Sabatinelli mostra os dois projetos paralelos que Ricardo Silva, o Rico, conseguiu desenvolver e colocar em prática apesar de sua agenda lotada. De um lado, a criação do mapa de luz utilizado durante as gravações do primeiro DVD de Projota, um dos principais novos nomes do rap tupiniquim. Do outro, a concepção cênica das apresentações da DJ Mayara Leme, algo novo em shows de música eletrônica.

As outras matérias também têm um “quê de múltiplo” em suas linhas. Se em uma os diversos benefícios da tecnologia LED na TV ficam evidentes, na outra conferimos detalhes sobre as cores e formas marcantes de *Varekai*, mais um mágico espetáculo que sai da fábrica de sonhos Cirque du Soleil para conquistar o mundo.

Agora é partir para o sumário e, de lá, iniciar sua viagem pela Luz & Cena 150, a primeira de 2012, que, se depender da gente, será um ano bem produtivo.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

O TOQUE DA LUZ

É primavera em nosso país. O nome primavera significa “o primeiro verão”, sendo que a origem do significado remonta à Europa e indica que a luz do sol ressurgiu a cada ano, após um período em que alguns países se encontravam imersos no inverno. A primavera de lá não coincide com a primavera daqui. Entretanto, o resultado luminoso e térmico é aproximado: a primavera traz mais luz e calor. O toque dessa luz faz desabrochar as flores, faz cantar as cigarras, faz o ar esquentar.

Aqui, nos trópicos, a luz solar bronzeia bastante a nossa pele. Há uma fértil interação entre a vida biológica de nossas células e a energia luminosa que as toca por um período de tempo. É a materialidade da luz em contato com a materialidade biológica de cada um de nós. Energias que se tocam, energias que se trocam. Mas essa poesia energética que recita o ritmo da vida pode também cochichar sílabas sorradeiras. Refiro-me à desorganização do crescimento celular, conhecida pela palavra “câncer”. A pele exposta erroneamente ao sol que a toca e a aquece está sujeita aos tentáculos de uma sombra silenciosa que pode levar nosso corpo à falência.

A PELE E A LUZ NATURAL

Em outubro de 2010, participei aqui em Brasília de uma campanha contra o câncer de pele, a convite da médica dermatologista Dra. Lúcia Lyra. Com minha câmera de vídeo digital, gravei uma entrevista que ela fez com o presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia. Lá pelas tantas perguntei a ele qual era o critério para a gente escolher o filtro solar com o fator de proteção mais adequado, já que nas farmácias há diversos: 15, 30, 60 etc. Ele disse: “quanto mais clara a pele, maior deve ser o número; um negro pode usar o número mais baixo de fator de proteção”.

Conclusão: esses filtros são uma resposta para a ciência, que descobriu que a luz do sol pode ser benéfica ao ser humano nos primeiros raios da manhã, mas muito prejudicial por volta do meio-dia, quando a exposição frequente à radiação pode determinar o aparecimento do câncer de pele.

A PELE E A LUZ ARTIFICIAL

Na mesma entrevista aprendi outra coisa: a luz artificial com finalidade de bronzeamento artificial está associada ao câncer de pele. Como a faixa de luz vilã dessa história é a ultravioleta, e tendo em vista que essa radiação é a mesma que existe em lâmpadas

fluorescentes que tocam nossa pele nos mais variados ambientes de nosso cotidiano, começou a circular na internet um mito de que lâmpadas fluorescentes estão associadas ao câncer de pele.

Entretanto, um estudo recente, disponível em www.nema.org (realizado pela Associação dos Fabricantes de Equipamentos Elétricos para Diagnósticos por Imagem, com sede na Virginia, EUA), concluiu que oito horas de exposição aos raios ultravioletas existentes em um ambiente iluminado com lâmpadas fluorescentes equivale a um minuto de exposição à luz do sol no verão. Conclusão matemática deles: as lâmpadas fluorescentes não poderiam ser associadas ao câncer de pele.

QUANDO TOCA NO OBJETO

Interpretamos mais facilmente a materialidade da luz quando ela nos toca, graças à sua temperatura. E o que acontece quando ela atinge objetos? Muita gente já experimentou aquela frustração de não poder fotografar obras de arte, já que os disparos dos flashes das máquinas fotográficas contribuiriam para deteriorar as tintas originais usadas nas superfícies de porcelanas, telas, madeiras, papel... E por falar em papel, certa noite fui testemunha do poder da luz quando toca os objetos.

Sou tecladista e atuei profissionalmente em todo o Brasil durante os anos 1980 e 1990. Eu estava no palco para tocar num show do Jorge Benjor que acontecia num palanque armado ao ar livre. O show transcorria tranquilamente e todos nós da banda nos divertíamos, juntamente com o operador de PA e o operador de luz, quando, de repente, senti um cheiro de queimado, e mesmo o vento do ar livre não dissipava aquele cheiro. Ninguém parecia perceber, e eu mantinha a atenção no meu trabalho, nas teclas, mas o cheiro ficava mais forte a cada instante.

Depois de um tempo olhando para cima e para os lados, encontrei no chão a explicação: uma partitura do repertório havia voado de minha estante e grudado na gelatina de um refletor impar posicionado no chão. A fumaça brotava do centro da partitura. Tive que tirar as mãos do teclado e rapidamente retirei aquela partitura, ou melhor, a “ex-partitura” que o refletor deglutia com sua luz. Em casa eu olhava aquela partitura com uma mancha escura em forma de círculo no meio da folha com áreas carbonizadas. No dia seguinte aquele cheiro ainda estava lá. A luz torrou dezenas de semínimas, colcheias e semicolcheias.

ADEUS, LÂMPADAS INCANDESCENTES

Em abril desse ano estive na Euroluce, em Milão. Como não cabe nessa página tudo o que vi por lá, falarei apenas da lâmpada incandescente, que tem dia e hora para deixar de existir. Muitos governos decidiram criminalizar a produção desse artefato que no século 19 surgiu como uma solução tecnológica impressionante, já que nossos bisavós não acordariam mais com as narinas enegrecidas e sem o cheiro do querosene impregnado nas roupas, nos cabelos, no ar. A lâmpada incandescente, que antes era um milagre tecnológico para a iluminação artificial, hoje é considerada ineficiente, pois apenas 5% da energia envolvida se converte em luz, enquanto 95% é desperdício, é calor.

Em 2009, eu estava numa sala com vários professores e profissionais da iluminação na Master School, em São Paulo, e todos falavam da extinção da lâmpada incandescente. Todos concordavam com essa decisão e citavam o mesmo argumento sob o ponto de vista da eficiência energética, exceto um austríaco radicado em São Paulo, que falou: “lá na Finlândia, onde faz dezenas de graus abaixo de zero, ela é muito eficiente, pois ilumina e esquenta”.

Voltando a falar da Euroluce, vi um estande com uma homenagem feita pelo designer de luminária alemão Ingo Maurer, que numa palestra que fez assumiu a sua paixão pelas incandescentes. Ele teve a ideia de desenhar e fixar algumas asas ao redor de lâmpadas deste tipo. Dá para interpretar sua intenção: a lâmpada incandescente é uma espécie de anjo, uma criatura iluminada que deve ir para o céu, por tudo o que fez pela iluminação nas ruas e nas casas nos séculos 19 e 20 (e 21), pelos espaços e superfícies que sua luz tocou.

OUTROS TOQUES

Encerro esse bate-papo com a lembrança de outras formas de como a luz toca no espaço, nas superfícies, nos objetos, na vida:

- 1) A fotossíntese, que significa que a planta produz seu próprio alimento ao ser tocada pela luz.
- 2) A descarga elétrica que rasga a atmosfera na forma de um raio em seu clarão azulado com 27 mil graus Celsius.
- 3) O *laserpoint* usado em palestras.
- 4) A luz azul usada pelos dentistas para endurecer rapidamente



a resina aplicada sobre um dente.

- 5) A luz invisível de um raio X que toca as partes internas de nosso corpo.
- 6) A luz do laser que faz tocar um CD e um DVD.
- 7) A luz do sol, que, ao tocar as moléculas d'água em suspensão, dá origem a um arco-íris.
- 8) A luz que atravessa as lentes dos óculos para aprimorar o foco de nossa visão.
- 9) A luz que sensibiliza a película de um filme no interior de uma câmera.
- 10) A luz que atinge nossa retina.
- 11) A luz da iluminação cênica, que brinca com nossa memória, estimula nosso mundo imaginário, toca nossa emoção.



Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamilertormann.com